

A arte sempre será filha de sua época, uma filha que sempre nascerá — independentemente do desejo da época — e que poderá tomar qualquer forma, qualquer mídia. Sem a educação correta ela poderá se perder no tempo, sendo engolida por alguma rede social — ou projeto de propaganda publicitária — e expelida de volta em forma de entretenimento barato e fragmentador, reforçador em sua essência simplista e uma poderosa ferramenta de controle de massas e consumismo. Uma anestesia que leva quem a viu a letargia enquanto o poder, no papel de pai abusador, avança sobre todos como água penetrando em seus poros.

Vivemos a era dos alquimistas digitais; transformadores do que consideramos real. Eles fabricam desinformação e usam as redes sociais para espalhá-las como pragas em uma já sofrida plantação. Eles possuem fiéis seguidores para ajudar neste trabalho de disseminação. Pessoas que espalham suas criações para outros que — sendo ou não iguais a eles — no fim terão contato com a praga, por mais que se protejam — como nas, cada vez mais comuns, pandemias —. A contaminação facilita a regência do futuro de todos em um tempo onde a realidade é construída artificialmente, metamorfoseando-se em um cenário onde veremos cada vez mais regimes autoritários e destruição ambiental enfeitarem o arredor de crises cada vez maiores e capital cada vez mais concentrado em um pequeno grupo de indivíduos e corporações.

Algumas pessoas reagem à anestesia antes de serem dominadas pela apatia, mas nem todos corpos são assim, nem todos corpos estão presentes no presente e atentos ao entorno da mesma maneira como fazemos em nossas ruas violentas. Independente da situação, ambos os grupos tendem, em meio a tal contexto, a pegarem estradas que os leve à falta de vontade própria em seus dias; a distrações inúteis e desperdício de tempo; a falta de experiências relevantes na vida. Eis a primeira depressão.

Várias formas de manifestação da primeira depressão são acessíveis intelectualmente ao cidadão comum, mesmo os que estão a serviço dos alquimistas digitais. A principal delas, o automatismo, faz com que indivíduos vivam sem profundidade. Essas pessoas acordam com dificuldade, olham redes sociais pela manhã, vão contrariadas até o trabalho e voltam exaustas para casa para dormir após alguma atividade não intelectual, como assistir a algo ou embriagar-se. O dia seguinte e os próximos são pequenas variações desse e, às vezes, levam-se anos até que essas pessoas notem por um instante o eu, o agora, o tempo que passou. O automatismo transborda a mente de informações e estímulos simples e irrelevantes. A mente inundada apenas sobrevive como que seguindo um algoritmo, uma lista predeterminada que não exige pensamento; apenas repetição de comandos. O automatismo extrai a originalidade do ser, criando um avatar que apenas sobrevive até envelhecer ou morrer por alguma doença e subsequente falta de atendimento médico.

As pessoas — já fadadas à escravidão implícita nas rotinas diárias em busca de proventos — escolhem sua verdade, sua musa da mentira. Um ser justificador e acalentador para a vida kafkiana que passaram a viver. Cresce então o espetáculo negacionista e ignorante. Eis a segunda depressão.

Atualmente nota-se um movimento de pessoas construindo a sua própria verdade quase em tempo real; ou se permitindo viver a verdade construída por outros — talvez essa, a pior forma da segunda depressão —. Essas pessoas falam como especialistas, negam a ciência e a razão, entregam-se à conspirações e pseudo conhecimentos e não a defesa da dúvida racional, da observação ceticista. Pode-se até mesmo pensar que ignoram o tamanho da traição à própria integridade intelectual, e se entregam a tais devaneios por uma questão prática própria — ao acreditarem em algo porque acham que é útil e não porque acham que é verdade, como disse Bertrand Russell a mais de meio século deste texto —. Quanto sacrificam em nome de uma venda que amarram nos próprios olhos?

Desde muito tempo a moralidade racional é atacada por religiões e extremismos. Atualmente, ao observarmos nossa cercania, podemos temer já estarmos próximos demais de ser tarde demais para reverter tal conjuntura. Vemos uma multidão de pessoas que dispensam as vendas e arrancam os próprios olhos, gritam por atenção; por suas próprias verdades; alheias aos passos que dão em um palco sobrecarregado de eventos rotineiros. Fatos históricos e fatos científicos, qualquer coisa cuja existência e veracidade possa ser aferida, é abandonada.

É então que a expressão se torna fútil, superficial; as artes deixam de cumprir seu papel social e o artista se vê sem um intento. Todos estão em uma busca vertiginosa por prazer, riqueza e reforçadores rápidos, cada vez mais rápidos. O ambiente não permite mudanças fáceis e a vida passa tão rápido quanto se deseja que a felicidade chegue. Eis a terceira depressão.

A facilidade de reprodução em massa, junto com o desejo do artista em mostrar do que é capaz, tornou a arte estéril, vazia; apenas uma mercadoria, um produto distribuído às centenas pelo mundo em reproduções vendidas na rede, com o único intuito de obter lucro; deixando o importante papel de comunicar o incomunicável relegado a um outro plano qualquer da obra.

Encontramos, então, uma paisagem devastada para viver; um mundo habitado pela ignorância ridícula da sociedade e suas depressões. Ignorância que se torna ainda mais preocupante quando notamos que está ligada a interesses de grupos que precisam se auto afirmar em bases inexistentes.

A arte não deve ser engolida pelo momento, pelo egoísmo, pelo mau gosto, pela desvalorização e tirania dessa época. O artista que se sente deslocado não deve entregar-se à vontade dos que querem a sua entrega. Não deve vender o espaço para a criatividade dentro de seus pensamentos diários a trabalhos que servem apenas ao propósito do bem-estar básico, da sobrevivência; trabalhos que são realizados de maneira quase irracional. O artista precisa desse espaço para si.

É um momento onde é possível levar a galeria até as pessoas através da tecnologia, mas a mesma tecnologia também traz a flor grandes falhas que carregamos de nossa evolução como seres sociais. O progresso intelectual é abandonado e a vida aponta para a fama apenas; fama em forma tudo o que puder ser adquirido e usado como um verniz sobre uma vida carente de propósito. Grande parte das falhas deságua na busca cega por valor, que é visto apenas em engajamento, seguidores, visualizações; números que não deveriam ser usados para medir qualidade. Segue-se o abandono da originalidade, em troca a uma entrega perturbada a estéticas validadas no passado para conquistar reconhecimento similar nestes dias diferentes de agora. Imitam técnicas, elementos e contextos de mestres progressos — ou obrigatoriamente utilizam materiais que estavam disponíveis naquela época —, alimentam o desejo de se sentir um renascentista, um expressionista ou academicista de outrora apenas para mostrar supostas habilidades e autoridade; levam a arte à apatia estética de nossos dias.

A arte como signo de comunicação profunda deve reagir, deve acompanhar o progresso das eras, deve ultrapassá-lo e quando essa era deixar-se refrear, deve puxá-la.

Sabendo que podemos analisar qualquer tema em face de seus fenômenos visíveis e inferir os invisíveis após análise cética profunda. Sabendo que podemos analisar intuitivamente, com base no conhecimento que carregamos, as linhas temporais e espaciais do assunto abordado sem precisarmos abandonar o que Clive Bell definiu como forma significante, a beleza ou a feiura. Podemos criar a arte analítica inferida que concretiza um instante de pensamento completo, uma exposição onde o que todos veem e o que apenas o artista vê convivem. Rejeitando a tese do Realismo, pois só temos acesso ao que vemos de forma imediata, instantânea. Rejeitando também o automatismo puro e aleatório do subconsciente pregado pelos mestres do Surrealismo, pois é ele que, em um novo contexto, faz a geração atual fugir de reflexões necessárias a sua própria sobrevivência e a sobrevivência de criaturas que não podem fazer as próprias escolhas.

A arte não é criada por blocos separados, ela apenas é. Ela instiga a reflexão, mesmo que isso a afaste dos holofotes da apática arte comercial. Acima de tudo, ela comunica; e quando falamos de comunicação, de linguagem, falamos do mediador entre a realidade e nossa mente; a realidade só existe dentro de nós através da linguagem. Traduções sempre serão versões do original, nunca expressarão a mesma coisa. Conceitos se perdem e sensações não encontram mais formas em nossa voz interior na ausência da linguagem. Nossa pátria é a nossa língua, disse Fernando Pessoa. Nós habitamos nossa língua e através da arte temos a possibilidade de compartilhar uma pátria com o mundo, uma língua em comum, uma cultura; uma linguagem universal, como disse John Dewey. É tolo deixar essa linguagem abandonada à futilidades sem valor e razão.

Em concordância com o que acreditamos, o nome designado para o novo modo de expressão à disposição é LIDIMISMO, palavra que deve ser entendida de maneira particular. Define-se:

*LIDIMISMO*. s.m. 1 - Ceticismo em busca do entendimento da verdade, pelo qual busca-se exprimir musicalmente, por escrito, pinturas, tatuagens e qualquer outro meio criativo, a realidade compartilhando espaço com inferências analisadas pelo artista; 2 - Aplicada às coisas que podemos enxergar e as que só podemos imaginar e expressar de maneira alegórica; 3 - A expressão de um entendimento em caráter quase simbólico; expondo uma realidade surrealizada por toda sua

profundidade simbólica; 4 - Movimento artístico, analítico, com similaridades estéticas com outros movimentos, como o Surrealista, o Minimalista e o Expressionista.

A arte é uma forma de filosofia que nos ajuda no entendimento da experiência humana através de sua representação, e o mundo natural está ultrapassado para as artes, ele ainda pode ser capturado por pinturas, música ou de forma precisa por fotografias, mas pouco diz sobre o que mostra, pouco aprofunda sem a ajuda de mais ferramentas. Essa arte nascida de uma vista já cansada só pode emocionar como a capa de um livro fechado emocionaria. O verdadeiro mundo natural é subentendido em nosso tempo, ele não pode ser visto apenas com o que os olhos mostram num primeiro momento, ele precisa da leitura do livro, ele é dinâmico. O movimento Lidimista retrata o que sua etimologia, de lídimos, nos ensina: o que é admitido como legítimo, verdadeiro; autêntico, genuíno em todas as suas representações. E para isto o olhar deve ser para o que vemos além da superficialidade do que nossos olhos nos mostram no mundo, mesmo que essa representação necessite de irrealidades que expliquem o real de maneira metafórica; os olhos da mente devem ser mais usados que os olhos do rosto. Como Pirro, precisamos saber que, no mundo das aparências, é impossível se obter conhecimento seguro diretamente da realidade, da natureza absoluta, inegavelmente incompreensível aos seres humanos. Devemos então, mesmo se não for possível saber como as coisas são de fato; sem julgamentos; racionalmente; sem ser levado por emoções e desejos pessoais; e após profunda análise do que inferimos e sentimos em relação a elas, expressar como as coisas nos parecem em toda sua completude além da realidade que podemos ver, podemos simbolizar a visão e o raciocínio. Eis o Lidimismo, trabalhando com a imaginação e as emoções das pessoas, convidando-as a utilizar ambas.

O ceticismo e a racionalidade de maneira alguma atrapalham a criação livre e espontânea, a experiência interpretativa pode surgir do ceticismo com naturalidade.

Fatos são diferentes de opiniões, mas as opiniões podem nascer do ceticismo sincero, podem ser questionadoras.

Da mesma forma, a preocupação estética não deve limitar a criação da arte; estamos criando formas de comunicar ideias profundas, assim, luz e sombra podem ter vida própria na arte — podem ser mais que uma extensão do tema principal — sem deixar de expressar conceitos de forma. As coisas mostradas podem não ser possíveis de serem vistas na realidade ordinária, mas a própria realidade ordinária é lida pelo artista em busca de informação, do tempo passado e futuro do tema escolhido, para ser expressa em linguagem, em realidade extraordinária, expressa de maneira menos óbvia, de maneira esteticamente irreal, estimulando o pensamento antes esquecido ou deixado em segundo plano. Mais uma vez, os olhos da mente racional são mais usados do que os olhos para o mundo supostamente real de verdades fabricadas.

Ainda, assim como fotos expressam a psicologia do olhar e, ao absorver a luz, substituem a necessidade do realismo das pinturas; o lidimista pode absorver o bizarro, pode absorver o real e fazê-lo ressurgir do que foi absorvido; pode expressar conceitos profundos, sem nunca fazê-los de maneira fútil ou aleatória, pois toda estética serve a um propósito, serve a uma ideia de comunicação. O lidimista pode expressar o que para uma mente treinada ficou subentendido na fotografia.

São tempos onde o homem ignora que não é o centro e não é o protagonista da existência universal. E quando pensamos em um contexto global, torna-se difícil acreditar que o homem perceberá este fato apenas com o que o homem pode ver no dia a dia, um mundo de automatismos que são levados do cidadão comum para as galerias. O automatismo no pensamento e nas ações é uma das ruínas de nosso tempo.

Inferimos daí que, por exemplo, como muitos escritores entendem que o valor de sua escrita se dá uma parte pelo tamanho dos seus textos — do seu sucesso quando, em uma era com tantas informações inúteis disponíveis, não deveríamos escrever informações que não valham a pena —, as pessoas cada vez mais sentem o impacto de tantas distrações e informações inúteis; sentem quando não percebem o tempo passar em frente aos seus celulares e o notam apenas quando pensam em retrospectiva, sentem quando começam a ficar cansadas sem terem feito nada relevante. O Lidimismo não é feito sem propósito.

Inferimos também que a música, como ferramenta de expressão mais popular que já desenvolvemos, não deveria se entregar ao capitalismo de forma; buscando conceber apenas obras descartáveis e sem nenhuma profundidade — obras unicamente populares, usadas para a distração no dia a dia —, ignorando todo o fractal possível de ser obtido dela de maneira racional e analítica, as possibilidades de enriquecimento intelectual e emotivo. O Lidimismo explora novas possibilidades.

Por fim, pegue como exemplo um dos milhões de moradores de rua durante a noite na cidade de São Paulo, grande metrópole do Brasil. O realismo se preocuparia apenas com a reprodução fiel dos detalhes da cena, da sujeira, das luzes; artistas abstratos fariam o mesmo, mas de uma forma mais pessoal, com seus processos a mostra; surrealistas iriam além, se entregariam ao subconsciente e qualquer aleatoriedade que ali encontrassem, em seguida externariam tudo de maneira livre, sem filtros; lidimistas representariam o visível e o invisível, o desconhecido da noite nas ruas, o conhecimento compartilhado nas formas da teoria cognitiva da arte, extrapolações, o movimento, o som e a fúria, todo o possível de ser analisado e inferido tomaria vida em uma arte que não seria vazia de razão para existir, mesmo que o artista optasse por não revelar toda a análise, preferindo deixar para o público o quebra-cabeças que deverá ser montado peça a peça; pois mesmo a revelação ainda deixaria espaços para a análise — entender a arte seria como entender outra pessoa, além do artista. Como poderíamos resumir uma pessoa, e tudo o que a faz ser ela, unicamente com a linguagem? — O lidimista se preocuparia com o expressionismo da obra e com o que ela revela, tentaria não poluí-la de informações ainda assim, adotando uma postura minimalista, utilizando estritamente o necessário para comunicar e evitando o erro de imitar os tempos modernos que nos bombardeiam com estímulos, pois mais do que nunca precisamos de uma arte que comunique de maneira consciente. Note aqui que não seria impossível para um surrealista, por exemplo, eventualmente chegar no mesmo resultado, mas para o lidimista o resultado não é deixado ao acaso, a informação existe e é racional, e a estética visa apoiar a expressão da forma mais eficaz. O lidimista ainda poderia pensar, por exemplo, em múltiplas realidades fossilizadas em um instante único onde todo o tempo é enxergado pois, em meio a nossas reflexões, não podemos esquecer de que podemos expressar conceitos, pois conceitos também são realidade, conceitos como o tempo, a angústia e outras palavras que expressam algo abstrato, toda essa natureza dinâmica pode ser expressada em um conceito concreto como uma ideia expressa esteticamente, assim como as alegorias de estética medieval; pois o absurdo que significa ignorar a natureza dinâmica para obter benefício próprio, de financeiro aos relacionados à saúde mental e autoestima, é mostrado através do irreal e utópico, ultrapassando a realidade, que já não pode ser entendida tão facilmente. O Irreal pode ser visto como sendo algo não só possível, mas cotidiano, comum, como nas obras de realismo fantástico da América Latina. A dúvida pode ser usada para chegar em uma expressão, uma arte desenganadora.

Que a arte lidimista more não só nas galerias, mas também nas ruas; que capture o amor, o medo, a ira, o ódio. Que a arte seja a linguagem usada para explicar o profundo, que quem a olhe saiba que somos artistas, pois a fizemos se sentir da mesma forma ao entender nossa linguagem!

Sabemos o quanto o mundo deixou de ser linear — talvez nunca tenha sido —, então a perspectiva nas artes também deve deixar de ser linear da mesma forma, ela pode ser forçada, curvilínea, esférica, não-euclidiana, atonal. Não pode ser óbvia. O minimalismo pode ser complexo em períodos como este, onde a era da verdade já foi deixada para trás. Hoje a realidade é incompleta; cabe a arte usar a lógica, a razão e a ética para preencher essas lacunas e servir a um espectro maior, social, e não um espectro de arte pela arte. Cabe a arte expor a dimensão dos temas cotidianos dos olhos naturais e dos olhos da mente, assim como coube a ciência expor a dimensão do nosso planeta visto de fora dele próprio, por outra perspectiva, como nunca teríamos a completa noção apenas vivendo sobre ele e olhando suas paredes.

Temos a ciência e tecnologia humanitárias como aliadas, mas a mesma ciência e tecnologia nas mãos de tiranos destruiu nossa privacidade e nossas vidas. É necessário então criptografar, utilizar contratos inteligentes ou outra tecnologia facilitadora de nosso tempo para registro de toda arte, garantindo a autenticidade do seu trabalho e colaborando com a análise lógica de especialistas no futuro. Abraçar o tempo que desejamos para nós. A arte também é arte por causa das mãos que a criaram e somente a ciência e a filosofia cética, analítica, humanista, podem levar a um futuro onde é possível viver todo o espectro da humanidade.

Este manifesto é um filho de seu tempo, mas deve ser intemporal, um filho que deverá evoluir para outros tempos e ser contra o tempo, deverá ser atualizado, coletivo, aprimorado. Um lembrete do poder da arte em períodos de dificuldade. Este manifesto é atemporal enquanto vivermos em um mundo de insanidades, enquanto vivermos tempos de abusos que são normalizados e esquecidos — os humanitários e os relacionados ao direito dos animais —; e enquanto houver pessoas interessadas em algo melhor do que este mundo, com humildade em relação a razão.

Com a esperança de um dia este texto se tornar apenas uma referência de épocas passadas onde a ignorância e superficialidade precisavam ser combatidas pois, de alguma forma, ainda eram celebradas.